

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Marcelo Ricardo Pereira  
Ana Lydía Bezerra Santiago  
Eliane Marta Teixeira Lopes

“Nenhuma das aplicações da Psicanálise excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças, e nenhuma, por conseguinte, atraiu tantos colaboradores capazes, quanto seu emprego na teoria e prática da Educação”  
(Freud, 1925).

A Psicanálise, como quis Sigmund Freud (1856-1939), médico vienense que a fundou, é uma “ciência do vivido”. Ao criá-la, ele associa radicalmente a *sexualidade* à constituição do sujeito humano, teoriza a noção de *inconsciente*, extraída da filosofia de Schopenhauer (1788-1860), e cria um novo conceito para o *desejo*. Suas descobertas só se emparelham, no seu tempo, às do filósofo Karl Marx (1818-1883), no que concerne à alienação do sujeito determinado pelos processos histórico-sociais, e às do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), quanto ao sujeito como resultado de sua vontade de potência.

No que se refere à Educação, a Psicanálise, ao longo de sua jovem e secular existência, tem uma contribuição um pouco dispersa no que tange aos fundamentos educacionais. A despeito dos esforços do discípulo freudiano Oskar Pfister, que, junto ao seu mestre, tentou aquecer embrionariamente as discussões sobre a interface Psicanálise e Educação, e de August Aichhorn, que dedicou um estudo a jovens delinquentes, cujo livro fora prefaciado por Freud, não são tantos os que marcadamente traçaram linhas referentes a essa interface. Entre eles, podemos mencionar Alexander Neill e sua escola inglesa Summerhill, que, desde 1921, se esmerou em desenvolver uma pedagogia analítica, alternativa e democrática, influenciando, durante os anos 1960 e 70,

adeptos da contracultura e da reversão dos costumes. No Brasil, vale lembrar o médico Arthur Ramos, que introduziu debates pioneiros sobre *Educação e Psicanálise* e *A Criança problema*, títulos de suas publicações de cunho escolanovista, no cerne do higienismo dos anos 1930. Mas é o próprio Freud, em suas *Novas conferências introdutórias*, quem admitiu ter-se ocupado pouco dos estudos sobre Psicanálise e Educação, mesmo julgando tais estudos de fundamental importância e depositando sobre eles os mais decisivos interesses e esperanças.

Não há dúvida de que tais “interesses” e “esperanças” têm sido, nos dias de hoje, cada vez mais substancializados. A Psicanálise, bem como os estudos mais recentes sobre Educação que interrogam as novas formas de subjetividade, os modos contemporâneos de sintoma e de entendimento das incertezas, atos e éticas do gênero humano, vêm apostando numa fértil conexão entre esses dois campos de conhecimento e saber. São vários os autores atuais que fazem tal aposta, cujo presente dossiê é apenas uma amostra do que vem ocorrendo em diversas universidades, instituições psicanalíticas e outros órgãos de pesquisa de várias partes do mundo.

E não sem razão. A Educação tem se mostrado cada vez mais como o que Kant, em seu *Sobre a Pedagogia*, já assinalara ser uma arte impossível, ao lado da arte de governar. Freud não só realçou tal observação, como acrescentou a ela a arte de curar, e teorizou algo específico sobre o fracasso ou o sucesso insuficiente ao qual estão fadadas de saída. Ora, esse impossível exige-nos trabalho, pois ele diz justamente das incertezas, das desilusões, da incongruência humana e do mal-estar na cultura – que também se encontram no cerne da arte de educar.

“Agressividade”, “falta de limites”, “desvios de comportamento”, “zombaria”, “violência”, “fracasso escolar”, “os alunos não querem saber de nada” são alguns dos termos e expressões empregados pelos educadores, expressões que traduzem o quanto tal arte é marcada por incongruências, surpresas e insurreições cotidianas. A Educação não se reduz apenas a receitas formatadas, a alguns saberes planejados ou a racionalizações de comportamento, mas a um sistema de gestos, valores, proibições, pulsões e subversões que devem ser descritos noutra feixe de relações. Educadores constroem saberes da experiência nas relações do dia-a-dia que os levam a superar seus problemas concretos, a tomar decisões efetivas e imediatas, a inventar surpresas no cotidiano diante do desinteresse de alguns, enfim, a agir nas condições de incerteza, sobre as quais a Psicanálise parece ter algo a dizer.

É claro que, de saída, encontramos muita distorção, engessamento e simplificação nos estudos sobre Educação quando fazem uso da Psicanálise. Comumente, tais estudos resultam numa tentativa de sistematizar, aplicar ou ajustar os conceitos das teorias freudianas aos das teorias pedagógicas. Não há quem não tenha topado com alguma forma de redução racional do Édipo, com alguma banalização dos “mecanismos de defesa do ego” ou com alguma classificação em etapas de desenvolvimento das pulsões oral, anal, fálica e genital. Podemos supor que a principal causa dessa tentativa seja a de repetir uma experiência que não deu muito certo: a de extrair da Psicanálise o que poderia ser aplicável à Educação, como se tentou fazer com a Psicologia. Vale assinalar que apelar para que a Psicanálise dê aquilo que se buscou em vão na Psicologia aplicada à Educação, isto é, um saber sobre a singularidade subjetiva de um aluno ou de um professor, é incorrer, injustificadamente, num mesmo equívoco. A racionalidade pedagógica pode até demandar uma psicanalização do cotidiano escolar, como demandou uma psicologização, mas o radicalismo da experiência sempre comprova a força irreduzível do inconsciente. Ele não se reduz a um *saber sobre*, mas a um *saber-não-sabido*, ou seja, nas palavras de Freud, a “um processo que somos obrigados a supor que ele está sendo ativado *no momento*, embora *no momento* não saibamos nada a seu respeito”.

Nesse sentido, os interessados nas teorias e práticas educacionais, nas metodologias de ensino, na educação infantil e na afetivo-sexual, etc. não podem incorrer nesse mesmo equívoco de reclamar, mais uma vez, à Psicologia as respostas que permaneceram insolúveis quando se deseja um *saber sobre*. Esse psicologismo não precisa ser de novo posto em cena e, com ele, se justapor à vontade de domar as tecnologias do cuidado, a racionalidade comportamental, as “questões emocionais”, o saber sobre o outro, as teses dissociadas da realidade sobre aprendizagem e desenvolvimento.

É fato que se ocultam nessa vontade de domínio as mais vigorosas forças de contenção do desejo, da sexualidade, das fantasias, das infantilizações, da agressividade, dos ajustes de conta com o passado, das pulsões e das paixões. Mas a Educação pode bem parar de insistir em deixar essas manifestações à margem de seus ideais, de ignorar a vontade de ignorância ou de não querer sempre interrogar um saber que já está pronto, sem surpresas, sem arestas. Talvez seja por isso que Jacques Lacan (1901-1981), psicanalista francês, foi levado a afirmar, de modo enfático, típico de seu estilo, que “o ensino é o avesso de uma paixão” – a paixão humana da ignorância.

Lembremos: o sujeito humano não pode ser todo domado e sabido; ele, antes, é relacional e está sempre por se constituir.

A Psicanálise, inicialmente, foi considerada como uma psicologia profunda ou até mesmo como uma *metapsicologia*. Mas tal denominação não a subtraiu de um sentido estritamente racionalista, no qual se embasou a própria Psicologia experimental e a Psiquiatria médica. Foi necessário a Freud dissociá-la de toda uma tradição clínica *asilar*, classificatória e universal para estabelecer, a partir de então, uma clínica do *um a um*, ou seja, uma clínica do singular. Talvez possamos admitir, à maneira foucaultiana, que a psicanálise é mesmo uma “contra-ciência”. Trata-se de uma ciência às avessas, que concebe o sujeito como descentrado, desprovido de qualquer essência, sempre refeito de acordo com as relações sociais que estabelece, pois são essas relações, as relações com o outro da linguagem, que levam o sujeito a se constituir como tal. Nada mais estranho à Psicanálise do que se reduzir a uma teoria geral e universal do homem.

O presente dossiê vem fazer coro com esse modo de entender as teorias psicanalíticas inter-relacionadas com a Educação. Longe de reduzir tais teorias a uma espécie de maturação sexual-biológica, disposta em fases contínuas de desenvolvimento, ou de considerar o complexo de Édipo, conceito basilar da Psicanálise, como uma espécie de fase a se superar, ou, ainda, longe de reduzir a noção de pulsão e de inconsciente, outros de tais conceitos, à materialidade do instinto e à obscuridade imaginária da subconsciência, desejamos, com o dossiê, fomentar esse caráter de “contra-ciência” da Psicanálise e deixar-nos conduzir por aquilo que se tornou sua base mais fecunda, a saber, a constituição da subjetividade humana como impossível de conhecer alguma reta razão. Os artigos encontrados aqui abordam a inter-relação Psicanálise e Educação não como faz alguma tradição bio-desenvolvimentista do pensamento moderno, mas bem mais próximo do que fazem, por exemplo, os campos da Linguística, da Antropologia e da Ética. Senão, vejamos:

Em “Ofício ‘impossível’? Uma piada inesgotável”, a professora Mireille Cifali, da Universidade de Genebra, na Suíça, evoca o cômico para analisar a expressão freudiana sobre as profissões ou ofícios impossíveis, a saber, governar, curar e educar. Seu ensaio não somente elabora uma interpretação bastante atual sobre tal expressão, quanto, perspectivamente, aborda três aspectos cruciais para o futuro próximo daqueles que trabalham com a inter-relação entre Psicanálise, História e Educação: o poder, a clínica e a ética.

O professor Leandro de Lajonquière, titular da Universidade de São Paulo, em “Educação e infanticídio”, problematiza, sob a forma de ensaio, a idéia corrente sobre o amor que os adultos de hoje professam a respeito das crianças, esclarecido graças à ciência. A diferença, diz o autor, entre as figuras do estrangeiro, do selvagem e do extraterrestre, bem como o recurso ao raciocínio psicanalítico, permitem elucidar os destinos possíveis que os adultos reservam fantasmaticamente às crianças. O destino de uma educação estaria, em parte, atrelado a cada uma dessas formas adultas de se receber uma criança no mundo.

Em “Infância: significante en falta de significación”, a professora Mercedes Minnicelli, professora da Universidad Nacional de Mar del Plata, na Argentina, aposta numa idéia original: a infância – como significante – é, para a linguagem, o que o desejo é para a lei. Seu texto, que inter-relaciona os campos da Psicanálise, do Direito e da Educação, propõe que se distinga o estatuto da legalidade subjetiva do código jurídico, recuperando, para isso, a noção de instituição mais em termos de escritura de lei na constituição subjetiva do que como vem sendo tomado na tradição do Direito. A infância e sua falta de significação levam a autora a sustentar tal idéia com base no discurso psicanalítico.

Qual é o lugar que a criança ocupa no atual mal-estar na civilização? Com base nessa questão, a professora Glauceia de Lima, da Universidade Mackenzie (SP), recorre a Jacques Lacan, Eric Laurent, Gilles Lipovetsky, entre outros autores, para pensar os imperativos da sociedade contemporânea e a sua necessidade de educar as crianças para uma ética do consumo. A autora, em “Criança: objeto *a* liberado?”, aposta na idéia do fracasso escolar como um dos sintomas da infância, efeito também de uma educação que se baseia na suposta igualdade entre adultos e crianças, regidos por essa ética. E, como saída, evoca a escuta do sintoma como meio de refrear o gozo hedonista generalizado em favor de se condescender ao desejo.

A professora Hebe Tízio, da Universidade de Barcelona, na Espanha, em “Saber leer, Aprender a leer”, parte da questão: atualmente, se lê menos ou se lê diferente? Não se pode pensar a leitura sem o componente da interpretação, sendo necessário, para a autora, que se tome também o inconsciente como intérprete, ou seja, um aparelho de leitura que interpreta a realidade do que é lido. Para tal, a satisfação é inerente à atividade de interpretação, cabendo também à Educação apontar as possibilidades para que tal satisfação possa circular socialmente.

Já o artigo do professor Cristóvão Giovani Burgarelli, da Universidade Federal de Goiás, intitulado “Desejo de encadear letras”, traz algumas questões sobre a entrada da criança em processo de alfabetização no campo da leitura e da produção textual. O autor parte da relação entre a criança, o professor e o texto e articula essa relação com a noção de inconsciente, tomando-o como estruturado pela linguagem. Para isso, os conceitos psicanalíticos de pulsão, escrita e letra, no que se refere ao sujeito desejanse, são privilegiados em seu texto.

Numa perspectiva mais voltada à pesquisa propriamente dita, o artigo da psicanalista Renata Guirado e do professor Rinaldo Voltolini, da Universidade de São Paulo, “O que não tem remédio, remediado está?”, aborda a questão polêmica sobre a crescente medicalização psiquiátrica mediante os sofrimentos cotidianos, inclusive os infantis. O controle da bioquímica e da genética parece ter dado voz ao organismo ao silenciar o sujeito. Para os autores, a escola, ao fazer coro com esse controle, tem apelado ao saber médico para “corrigir” os problemas apresentados por seus alunos: se a bioquímica responde a por que o menino aprende ou não aprende, e o remédio se torna um instrumento imprescindível na aprendizagem da criança, o professor “não tem mais nada a ver com isto”, tanto no sentido da desresponsabilização quanto no da impotência.

Também como resultado de pesquisa, o artigo “A educação clínica como metodologia pedagógica”, dos professores Francisco Moura e Talitha Silva, da Universidade Federal de Ouro Preto, analisa o quanto a subjetividade do professor é pouco ou nada considerada ao se levar em conta tanto as diretrizes educacionais do estado de Minas Gerais, os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Ciclo Inicial de Alfabetização, o Conteúdo Básico Comum, quanto à análise do planejamento pedagógico de uma escola municipal da periferia de Santa Bárbara (MG). Visou-se, com isso, a demonstrar o quanto o pensamento psicanalítico e uma possível educação clínica contribuem no ato transformador pretendido pela escola.

Em “A roda de conversa e a assembléia de crianças”, a professora Leny Mrech e a doutoranda Mônica Rahme, da Universidade de São Paulo, debatem as questões que emergiram de um projeto de Psicanálise e Educação Inclusiva, desenvolvido em uma escola de Educação Infantil do município de São Paulo (SP). Com base na metodologia da Conversação, as autoras problematizam aspectos referentes à atual escolarização das pessoas com necessidades educacionais especiais e sua relação com os processos de segregação e normalização.

E, por fim, o presente dossiê conta com a contribuição de Douglas Emiliano Batista, mestrando da Universidade de São Paulo, que elaborou uma resenha do livro *Educação e função paterna*, organizado por Fátima Rodrigues e Roselene Gurski, recém-lançado pela editora da UFRGS, de Porto Alegre. O texto nos esclarece as idéias contidas no livro e debate de maneira autoral “A escola da era moderna: entre a transmissão e a vigilância”, título da resenha.

Como se faz notar, organizamos o dossiê partindo de textos sob a forma ensaios e culminando em textos resultantes de pesquisas, tendo as discussões sobre a infância como eixo norteador. Encontramos aqui uma pequena mostra do fértil vigor da inter-relação entre Psicanálise e Educação e da perícia de autores que sobre ela se debruçam. A esses autores somos imensamente agradecidos por cederem-nos suas contribuições rigorosas e partilharem conosco o desejo de fortalecer os debates sobre essa inter-relação.

Para concluir, é importante mencionar que este dossiê também é fruto dos trabalhos realizados pelo Laboratório de Psicologia e Educação (LAPED/FaE/UFMG), sob a direção atual do prof. Sérgio Cirino, que tem promovido, desde 1998, pesquisas e estudos, além de congregar docentes de disciplinas da área da Psicologia, Psicanálise e Educação e demais pesquisadores a eles vinculados. O LAPED mantém relações de intercâmbio e cooperação com diversos órgãos, entre os quais o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) e os Archives Jean Piaget, da Universidade de Genebra.

Entre os quatro grupos/núcleos de pesquisa que hoje o LAPED congrega, temos o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação (NIPSE), coordenado pela profa. Ana Lydia Santiago, que, desde 2004, se organiza em torno de iniciativas de pesquisa, publicações, seminários e palestras sobre as contribuições e possibilidades de aplicação da Psicanálise à Educação. Entre elas, encontra-se a proposta da Conversação como metodologia de pesquisa para a investigação das diversas formas de manifestação do mal-estar no campo educacional.

De mesmo modo, importa assinalar que o NIPSE está vinculado à linha de pesquisa Psicologia, Psicanálise e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFMG, da qual também resulta este dossiê. Essa linha de pesquisa debruça-se sobre os estudos de processos psicossociais presentes nos diferentes contextos educativos: estuda transtornos da escolaridade, como a hiperatividade, a fobia escolar, a depressão, a ansiedade, a agressividade e outras formas do fracasso

escolar; aborda a subjetividade da criança e do adolescente nas suas relações com o saber, com a linguagem e com a escrita, bem como a subjetividade do professor em suas relações com os alunos, com a sexualidade, com a autoridade e com a transmissão do conhecimento; além de analisar o ato de educar e os aspectos históricos concernentes às relações entre Psicologia, Psicanálise, Saúde Mental e Educação. Para tais estudos, os grupos/núcleos de pesquisa têm suas especificidades dentro da linha, sendo o NIPSE aquele se dedica à conexão Psicanálise e Educação.

Nesse contexto, e agradecidos pela acolhida da proposta do dossiê por parte da Comissão Editorial da *Educação em Revista*, apresentamos os artigos e a resenha que se seguem, pretendendo, com isso, produzir um qualificado debate sobre Psicanálise e Educação e colaborar para que a FaE/UFMG consolide-o cada vez mais, assim como ocorre com universidades e outros órgãos de pesquisa de referência, no Brasil e em outros países. Somos solidários aos diversos pensadores que também consideram as descobertas freudianas como fundamentais para se entender o sujeito moderno e ir “além da alma” – expressão de Sartre. Essas descobertas têm reverberado em muitos campos de conhecimento, como o da Educação, campos que também não deixam de evocar o princípio ético freudiano do *Wo Es war, soll Ich werden* (lá onde id era, o ego deve advir). Isso não quer dizer que devemos transformar o id em ego, nem educar as pulsões, mas, antes, devemos ter a responsabilidade ética, seja na Psicanálise, seja na Educação, de fazer sujeitos advirem pela palavra e pelo desejo como pura diferença. E, como postulou Freud, isso não é outra coisa senão uma obra de cultura, a mesma que encontramos também na relação pedagógica.

*A coordenação do dossiê*  
Belo Horizonte, set. 2008